



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MAYARA CAMPOS PIRES

**REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DO ENVELHECIMENTO
E OS LUGARES DO FEMININO**

**CAMPINA GRANDE
2022**

MAYARA CAMPOS PIRES

**REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DO ENVELHECIMENTO
E OS LUGARES DO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE
2022**

P667r Pires, Mayara Campos.
Representações da cultura do envelhecimento e os lugares
do feminino [manuscrito] / Mayara Campos Pires. - 2022.
44 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Envelhecimento. 2. Representação. 3. Gênero. 4.
Corpo. 5. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 305.26

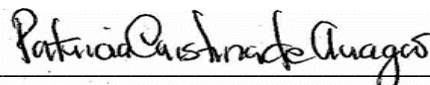
MAYARA CAMPOS PIRES

REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DO ENVELHECIMENTO E OS LUGARES DO
FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 08/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Me. Márcia de Albuquerque Alves
Centro Universitário (UNIESP)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade.

In memoriam, a meu pai, pela educação e ensinamentos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Professora Patrícia Cristina de Aragão, que ao longo da minha trajetória acadêmica me acolheu e juntas partilhamos de grandes experiências que foram excepcionais para o meu crescimento pessoal e profissional, começando a partir da seleção da Residência Pedagógica 2018/2020, onde fui selecionada para ficar na função de bolsista do programa e também como voluntária na cota de 2020/2022. Agradeço pela confiança depositada em mim, pelo incentivo, pelas leituras sugeridas ao longo das orientações e por ter acreditado no meu potencial, foi através disso que me encontrei como pesquisadora e professora.

À minha mãe por ter oferecido todas as condições necessárias para o meu desenvolvimento acadêmico, custeado os textos, livros, passagens e alimentação. Por ser essa mulher acolhedora, amiga, protetora e batalhadora. És, meu exemplo.

Ao meu pai (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. Agradeço pelos seus ensinamentos e pela educação.

À minha irmã Valtynnya por diversos diálogos e levantamentos de pautas pertinentes para a construção do conhecimento, que contribuíram de forma magnífica para a minha formação.

Agradeço à minha irmã Maennya pelo apoio e por ter acreditado em mim, sempre reforçando a minha capacidade diante dos desafios da vida.

Ao meu namorado Heleno pelo incentivo, cuidado e sempre me apoiar nos momentos de tristezas e alegrias, pela convivência e por compartilhar a vida.

À minha amiga Jalidiane por partilhar diversos momentos, pela parceria de estudos e pela amizade que iniciou desde o primeiro período de graduação.

Agradeço a minha amiga de vida Maite, pelas nossas conversas, por sempre estar ao meu lado, por todas as palavras de consolo, por ser esse ser humano que transmite alegria e confiança melhorando muito meus dias.

Agradeço à minha amiga Rayanne, nesse último ano de graduação ela foi muito importante pela força, humanidade e carinho despertado por cada conversa.

Agradeço, por fim, a todos os professores, colegas e funcionários que contribuíram diretamente e indiretamente para esta pesquisa, cada debate, diálogos foram relevantes para que tudo isso acontecesse.

RESUMO

Este estudo propõe refletir sobre a feminização do envelhecimento e como o processo do envelhecimento é vivenciado. Pretendemos evidenciar as concepções sobre o envelhecer e como as marcas desse processo são sentidas no corpo das mulheres, assim como analisar as representações construídas para pensar os lugares do feminino, a partir do diálogo entre envelhecimento e gênero. Esta pesquisa se situa no campo dos estudos de gênero e geração em que a abordagem em torno do envelhecimento feminino é foco fundante do estudo. O estudo se aprofunda em Debert (1997), Goldenberg (2011), Pedro (2011), Peixoto (1997), Salgado (2002), Scott (1995), Ramos (2008), Chartier (1990), Del Priore (1997), Pinsky (2013), Pischтели (2000) além de outros autores que serviram como base para o desenvolvimento deste trabalho. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfica e documental fundamentadas nas redes sociais como o *Instagram* e *LinkedIn*, assim como em revistas disponibilizadas de forma digital, que evidenciam os aspectos do envelhecimento e o corpo enrugado, dentre as revistas selecionadas foram a *Revista Tpm* e a *Revista Eu Sei Tudo*, dos perfis do *Instagram* destacamos os individuais, e de trabalho utilizado por especialistas que divulgam os resultados dos procedimentos estéticos realizados em mulheres. Este estudo permite a compreensão das mudanças que estão acontecendo na sociedade que vivencia o fenômeno da feminização do envelhecimento, de modo a analisar como na contemporaneidade as redes sociais influenciam o imaginário das pessoas com as discussões de envelhecimento e as suas representações mediante o corpo, buscando, sobretudo, compreender como as mulheres se redefinem enquanto sujeitos em processo de envelhecimento.

Palavras-Chave: Envelhecimento. Representações. Gênero. Corpo enrugado

ABSTRACT

This study proposes to reflect on the feminization of aging and how the aging process is experienced. We intend to highlight the conceptions about aging and how the marks of this process are felt in the women's bodies, as well as to analyze the representations constructed to think about the feminine places, based on the dialogue between aging and gender. This research is located in the field of gender and generation studies in which the approach to female aging is the fundamental focus of the study. The study is based on Debert (1997), Goldenberg (2011), Pedro (2011), Peixoto (1997), Salgado (2002), Scott (1995), Ramos (2008), Chartier (1990), Del Priore (1997), Pinsky (2013), Pischelli (2000) and other authors who served as the basis for the development of this work. Methodologically, this is an exploratory, bibliographical and documentary research based on social networks such as Instagram and LinkedIn, as well as on magazines available digitally, which show aspects of aging and the wrinkled body, among the selected magazines were Revista Tpm and Eu Sei Tudo Magazine, from the Instagram profiles we highlight individual ones, and work used by specialists who publicize the results of aesthetic procedures performed on women. This study allows us to understand the changes that are taking place in society that is experiencing the phenomenon of the feminization of aging, in order to analyze how, in contemporary times, social networks influence people's imagination with discussions about aging and their representations through the body, seeking to, about everything.

Keywords: Aging. Representations. Genre. Wrinkled body

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bety Gofman (Envelhecer)	29
Figura 2 - Fátima Bernardes e Túlio Gadêlha em publicação compartilhada na rede social ...	31
Figura 3 - Relatos do etarismo no mercado de trabalho	32
Figura 4 - Publicação comparativa entre mulheres de 60 na venda de produtos.....	34
Figura 5 - Anúncio Creme Rugol	35
Figura 6 - Antes e depois do procedimento estético.....	37
Figura 7 - Páginas que trabalham com o envelhecimento	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A FEMINIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO E AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO ENRUGADO	17
2.1	As concepções do envelhecer e o envelhecimento	17
2.2	Territórios femininos e a cultura do envelhecimento	24
3	REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO NAS REDES SOCIAIS	28
3.1	O corpo enrugado e o processo de aceitação	28
3.2	O Etarismo como forma de disseminação de preconceitos	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento tem sido, ao longo de décadas, problematizado sob diversas óticas, criando, para o mesmo significado, diferenciados sentidos de envelhecer. As primeiras discussões sobre o envelhecimento emergiram quando a sociedade vivenciava a experiência de um período pré-industrial. Naquela época se discutia a eficiência e a utilidade humana para o trabalho.

Após diversos estudos científicos sobre o corpo humano, sobretudo, o corpo envelhecido os estudiosos da medicina moderna disseminaram a ideia de que este estágio da vida representava um período de decadência e degeneração do corpo.

A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer. Assim, a representação de si é como um jogo de espelhos que reflete, através da representação do outro, a imagem que cada um tem de si (PEIXOTO, 1997, p.09).

Com a criação de novos campos disciplinares, as ideias de ineficiência e precariedade sobre a velhice, ressaltadas por Peixoto (1997) foram se rompendo, e buscou se incentivar os idosos a adotarem uma série de procedimentos/medidas em suas rotinas para conseguirem alcançar uma longevidade feliz e saudável. Com o advento da contemporaneidade, esses estereótipos e imagens negativas atribuídas aos idosos foram se transformando, a partir do crescimento do mercado de consumo que visava o enaltecimento da juventude, como evidencia Guita Debert:

A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre o 'jovem velho' e o 'jovem jovem' e entre o 'velho jovem' e o 'velho velho' parecem ter se constituído em formas privilegiadas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais (DEBERT, 1997, p.01).

Se olharmos para uma perspectiva apenas biológica sobre o processo do envelhecimento, esse olhar nos remete a diversas imagens, perspectivas, representações e significados negativos sobre o envelhecer. Por isso, concordamos com Barroso (2021) a despeito de que não se pode pensar em um único fator para definir o envelhecimento, a exemplo dos fatores biológicos dos sujeitos, pois é necessário levar em consideração os diferentes

aspectos que os sujeitos emergem, tendo em vista as suas singularidades, os locais onde vivem, os grupos familiares e suas relações:

O fenômeno do envelhecimento não pode ser estudado de forma isolada, pautado apenas em questões de ordem biológica, pois questões relacionadas ao grupo a que pertencem os idosos, ao local onde vivem e passaram a maior parte de suas histórias constituem-se em um conjunto de relações de produção entrelaçadas que só são possíveis de serem compreendidas a partir de um olhar histórico, cultural e dialético. Objeto de interesse de muitos historiadores, os quais buscam uma definição do velho e do envelhecimento para além de fatores biológicos, estudos recentes trazem para o debate o contexto sócio-histórico em que o idoso encontra-se inserido, afinal o envelhecimento enquanto uma questão-problema para a história precisa ser pensado a partir de uma historicidade, pois a velhice como um conjunto heterogêneo de vivências comporta práticas (BARROSO, 2021, p.10).

É possível compreender, com base nas reflexões de Barroso (2021), que, ao estudarmos sobre o envelhecimento na perspectiva histórica é relevante contextualizar as distintas vivências e experiências individuais e coletivas dos sujeitos, tendo em vista que as condições sociais e econômicas e os aspectos culturais que envolvem a vida das pessoas são experienciados de maneira distinta.

Nesse sentindo debruçei-me nesta temática que se inicia a partir das observações e análises do corpo e suas modificações e transcende quando vivencio a experiência, como extensionista, de um projeto da universidade que tinha como proposta permitir o diálogo através de rodas de conversa com idosos, escutando seus relatos e experiências de vida.

Estas atividades despertaram o desejo de pesquisar a fundo o envelhecimento, sobretudo, no viés feminino, tendo em vista que as mulheres sempre são colocadas em posições subalternas ao longo da história. Então, analisar como o envelhecimento é observado, estudado e problematizado ao longo das décadas, possibilita construir um diálogo entre o passado, o presente e o futuro.

Desse modo, esse trabalho se insere na linha de pesquisa do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, intitulada *Gênero, sexualidade e corpo*. Neste trabalho serão discutidas as concepções de feminização do envelhecimento e corpo enrugado; como os discursos, imagens e conceitos sobre o processo do envelhecimento são evidenciados ao longo da história e como as mulheres se redefinem.

Ademais, vislumbramos a possibilidade de apresentar uma temática que vem cotidianamente crescendo nas pesquisas historiográficas. No entanto, não nos limitamos a pesquisar apenas o envelhecimento e suas proposituras. Fomos além: buscamos entender o

processo, a construção dos discursos, como essas representações se entrelaçam na vida de mulheres e como elas a vivenciam em sua vida prática.

Assim, interligamos o envelhecimento com a discussão de gênero, sobretudo no olhar feminino, tendo em vista que as formas de tratamento destinadas às mulheres nessa fase da vida são expressas de maneira negativa em decorrência da caracterização do "corpo velho" feminino como desprovido de prazer e beleza.

Assim, o objetivo geral do trabalho é discutir sobre a representação da cultura do envelhecimento e a identidade etária de mulheres em processo de envelhecimento e mulheres envelhecidas, analisando conceitos, por meio de uma revisão bibliográfica de autores que dialogam com essa temática e buscando, através das mídias digitais, fotografias e formas de propagação de discursos, representações e significados do envelhecer.

Buscamos refletir sobre a feminização do envelhecimento e as representações que são construídas para pensar os lugares das mulheres, identificar como as mulheres idosas e adultas elaboram as representações do envelhecimento e entendem os impactos e implicações destes aspectos em suas vidas. Estas reflexões possibilitam construir uma nova dimensão sobre os estudos voltados ao envelhecimento.

Nesse sentido, a problemática central de nossa pesquisa é identificar como as representações do envelhecimento se apresentam nas pesquisas bibliográficas e nas mídias digitais. O recorte temporal escolhido aborda os anos de 1930, com o surgimento dos cosméticos, até 2022, com a crescente ampliação da era digital.

As motivações que levaram a pesquisar sobre mulheres nas distintas velhices foram o fato de que a sociedade brasileira está vivenciando a feminização do envelhecimento em decorrência do crescente aumento da população idosa, que é predominantemente feminina, assim como, com a questão da desigualdade de tratamento entre os gêneros feminino e masculino, são as mulheres que experienciam com mais veemência a desvalorização na velhice.

Assim, a análise das narrativas de grupos de mulheres nas redes sociais contribui para a pesquisa pela evidência de averiguar como os estigmas, disseminados ao longo dos anos, sobre a representação do envelhecimento se articulam no pensamento das mulheres adultas e idosas e se esses discursos influenciam a maneira de pensar e agir. Tais investigações são possíveis através das observações de suas experiências de vida, seja nas vivências coletivas ou nas individuais.

Relacionar envelhecimento e gênero com a perspectiva da história de vida das mulheres possibilita vislumbrar novos estudos para a historiografia por demarcar diversas análises de discursos, imagens, conceitos construídos e disseminados ao longo da história.

Desse modo, ao identificar como essas narrativas se entrelaçam na vida das pessoas, sobretudo das mulheres, conseguiremos compreender como muitas se sentem presas, amarradas a um mercado de consumo que dita os lugares do feminino. Todas essas representações serão analisadas e esmiuçadas ao longo do trabalho.

Portanto, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, seguindo a lógica de uma pesquisa bibliográfica e documental, buscando, a partir dessa, uma análise dos trabalhos já realizados e buscando construir, a partir dessa análise, a confirmação de que existem distintas vivências na fase do envelhecimento e que as mulheres, ao percorrerem o processo de envelhecimento, sempre são colocadas em posição subalterna e desvalorizadas em relação ao homem ocasionando problemas sociais como o etarismo, dificuldades em ingressar no mercado de trabalho e um consumismo exacerbado pela necessidade de permanecerem jovens, lindas e sedutoras.

Então, primeiramente selecionamos o tema, que é “Representações da cultura do envelhecimento e os lugares do feminino”, o qual já deixa explícito que nossa intenção é tratar o envelhecimento feminino diante da cultura e realçar como os lugares das mulheres foram definidos ao longo do tempo, em seguida realizamos um levantamento de pesquisadores que se aprofundaram nessa temática, estabelecemos o nosso problema e selecionamos as fontes.

Dessa forma, na primeira sessão, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que é “o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador” (SOUZA; OLIVEIRA e ALVES, 2021, p. 66), isto é, quando o pesquisador recorre a esse tipo de metodologia, ele busca compreender o que os autores publicaram sobre a temática, suas conclusões e pesquisas diante da utilização de artigos, dissertações, teses que irão acrescentar em seu trabalho.

Desse modo, realizamos uma análise de artigos, dissertações, teses e trabalhos, de autores que trabalharam com a perspectiva do envelhecimento. Entre os autores selecionados temos as contribuições da Guita Debert (1997), que realiza uma análise antropológica sobre o envelhecimento, curso da vida e terceira idade, buscando enfatizar os agentes que impulsionaram e se preocuparam com a velhice ao longo do tempo, como os gerontólogos, geriátricos e organizações destinadas a esse público, transformando o idoso em ator político, e, de acordo com o olhar antropológico, o que pode ser percebido sobre as velhices é justamente

as distintas vivências, culturalmente falando, pois diferentes culturas vivenciam esta etapa da vida de maneira diferenciada, seja valorizando ou mesmo silenciando o idoso.

Assim como as contribuições de Debert (1997) foram pertinentes para a exploração desse trabalho, busquei, a partir Silêde Cavalcanti (2013), aporte para uma discussão sobre as narrativas dos idosos ao experienciar essa fase da vida. A autora, através de um trabalho de campo realizado em um asilo na cidade de Campina Grande PB e transcrito em sua tese, fez emergir a expressão dos idosos de um sentimento de invisibilidade, de abandono e de silenciamento ao serem colocados nesse ambiente de acolhimento.

Partindo das discussões de Cavalcanti (2013), demos direcionamentos nas análises do surgimento dos conceitos na cultura de envelhecimento e velhices através do artigo de Dardengo e Mafra (2018), que simultaneamente possibilitam encontrar diferentes concepções sobre essa etapa da vida.

E, enfatizando a cultura, utilizamos o mundo das práticas e representações baseado nas discussões de Chartier (1990) para compreender como determinadas culturas constroem as imagens do idoso que foram embasadas no isolamento, exclusão em determinadas sociedades e, em outras, como seres capazes de transmitir conhecimentos e repletos de sabedoria.

Outras bibliografias que foram pesquisadas e analisadas foram os escritos de Peixoto (1997) com os quais buscamos compreender o envelhecimento populacional, percorrendo, sobretudo, a disparidade de quantitativo entre homens e mulheres mais velhos. Com base nas pesquisas realizadas pela autora, fundamentada em estudos demográficos, a população mundial idosa daqui a alguns anos irá aumentar cada vez mais e são as mulheres que ficarão mais numerosas que os homens. Diante disso, refletimos sobre o envelhecimento a partir do olhar feminino, tentando evidenciar como as mulheres vivenciam o processo do envelhecimento, o que influencia suas concepções e como, na velhice e em seu processo, as mulheres são tratadas pela sociedade.

Pinsky e Pedro (2013) levantam uma discussão pertinente que se relaciona diretamente com o que é proposto para esse trabalho, que é compreender como a sociedade brasileira construiu os lugares femininos e até mesmo a posição do idoso e como, na contemporaneidade, ainda são definidos esses papéis sociais. Segundo as autoras, o Brasil foi construído sobre a égide do patriarcado, no qual a figura do homem sempre se sobressaia em detrimento da figura da mulher. O homem detinha todo o conhecimento, ele que dominava todas as áreas, enquanto as mulheres eram proibidas de expressar seus desejos e vontades, não poderiam ocupar cargos de liderança e nem sequer poderiam trabalhar. A função da mulher era de submissão total ao seu marido, além de cuidar da casa e dos filhos.

Com o advento da contemporaneidade, sobretudo pelo surgimento do movimento feminista, que se iniciou como movimento das mulheres, modificou-se toda a estrutura da sociedade e os lugares femininos foram repensados. A partir disso, as contribuições de Rago (1998) foram relevantes para as discussões de gênero. Ela buscou refletir sobre os papéis sociais que foram definidos, ao longo da história, para homens e mulheres, dissociando do sexo biológico.

Além disso, em decorrência da crescente era digital e da propagação das informações de forma instantânea. O acesso às tecnologias se tornou mais recorrente, abrangendo distintas identidades etárias, exemplo disso são as transformações na forma de comunicação com um amigo ou com familiares que residem em diferentes localidades. No século XX as cartas eram ferramentas de comunicação importantes, sendo utilizadas para os sujeitos depositarem sua rotina diária e conversar com parentes. Elas podiam variar de 2 a 3 meses para chegar em seu destino. Na atualidade, os celulares ganharam espaço substituindo esse mecanismo que fora essencial para as relações humanas.

Com base nessa constatação, a pesquisa documental se fez necessária na segunda sessão para compreender como as mudanças sociais podem ser verificadas na vida das mulheres diante das mídias digitais no processo do envelhecimento, como esses meios influenciam o imaginário das mulheres através das propagandas e como os discursos, ao longo da história, são incorporados nesses ambientes.

Nesse sentido, de acordo com Silva, Almeida e Guindani (2009, p.6) “a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias”, esses materiais que os autores enfatizam tratam da própria ideia de documento que “ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres”. Vale ressaltar que estes documentos só passaram a ser percebidos como diferentes fontes a partir do momento em que a história se tornou disciplina, sobretudo, com a Escola dos Annales que amplia a noção de documento.

Segundo Silva, Almeida e Guindani (2009) o Annales acreditavam que todos os vestígios deixados pela humanidade são considerados fontes históricas ou documento, isso altera a noção anterior do documento que remetia apenas aos textos escritos e documentos oficiais como prova da verdade.

Ademais, utilizamos como fontes imagens iconográficas. De acordo com Kossoy (2021), até a metade do século XX ainda não era recorrente a utilização de imagens como fontes históricas. Existia uma resistência dos pesquisadores em utilizá-las, das vezes que apareciam

nos trabalhos acadêmicos eram utilizadas com desconfiança e como ilustrações dos fatos históricos, mas não era realizada uma crítica, nem uma análise do conteúdo que era transmitido pela imagem. No final do século XX, pautados em uma história contemporânea, diversos debates entraram em discussão sobre novas possibilidades de análise histórica. Foi quando o uso das imagens se tornou uma possibilidade de pesquisa que “pode ser interpretada de uma maneira diferente [...] visando elucidar sua recepção na sociedade, analisando as conexões entre o contexto e a imagem, analisando as representações que evocam e todo o universo artístico que as rodeiam” (COELHO, 2012, p.445).

Diante disso, vale elucidar que todas as fontes históricas revelam desejos, representações, intenções e discursos, e as fontes imagéticas não são diferentes. Por isso, buscamos, a partir delas, compreender como, nas redes sociais, o envelhecimento feminino é tratado, compreendido e divulgado, buscando também relatos de mulheres que estão no processo do envelhecimento.

Tomamos como procedimento: separar primeiramente as imagens, conhecer quem disponibilizou nas redes sociais, quais objetivos e intenções dos usuários ao divulgarem esse tipo de imagem e como os discursos presentes nas iconografias se articulam na atualidade e de que forma influenciam o imaginário das pessoas, especificamente das mulheres, tanto aquelas que irão passar pela etapa do envelhecimento, quanto aquelas que já o vivenciam. Por último foi realizada a análise documental. De acordo com Silva, Almeida e Guindani (2009):

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência (SILVA; ALMEIDA E GUINDANI, 2009, p.10).

Dessa forma, quando iniciamos a etapa da análise documental, buscamos interpretar as fontes, sintetizar todas as informações e por último realizamos a nossa interferência articulando com os autores que discutem o tema de pesquisa.

Além disso, utilizamos, como dimensão, a História Cultural pautada nas noções de práticas e representações de Chartier (1990). Tendo em vista que as práticas cotidianas ao tratamento dos idosos na cultura foram baseadas no isolamento e exclusão, com o passar do tempo os conhecimentos transmitidos pelas pessoas idosas, que eram percebidos como sábias, na contemporaneidade são vistos como atrasados, em decorrência do avanço científico, o que antes eram “pessoas que detinham todo o conhecimento”, agora são pessoas “atrasadas no tempo”.

Por fim, o trabalho foi construído em dois capítulos: o primeiro foi intitulado *A feminização do envelhecimento e as representações do corpo enrugado*, onde apresentei, através dos subtópicos, as concepções sobre o envelhecimento e o processo de feminização do mesmo, destacando os significados construídos ao longo da história sobre o envelhecer e o corpo enrugado, e como se construíram os estigmas sociais que são associados à velhice.

No segundo capítulo, intitulado *Representações do envelhecimento nas redes sociais*, buscamos evidenciar as vozes das mulheres por meio dos recursos visuais nos meios de comunicação como *Instagram* e *LinkedIn*, através de suas narrativas e experiências individuais e coletivas ao experienciarem o envelhecimento, identificando como os discursos, imagens e conceitos do passado influenciam e se transformam no tempo presente, de como elas enxergam o envelhecimento, como elas vivenciam o envelhecer e como as mudanças em seus corpos refletem a maneira de direcionar a vida.

2 A FEMINIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO E AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO ENRUGADO

Este capítulo aborda as concepções do envelhecer e o envelhecimento e tem por finalidade, no primeiro momento, evidenciar como as representações das mulheres foram construídas ao longo dos séculos, partindo de uma análise de uma sociedade patriarcal até a contemporaneidade, realizando um breve levantamento histórico de como a subalternização feminina foi se desenhando na sociedade brasileira e como culturalmente os lugares do feminino foram sendo construídos.

Em seguida, foram enfatizadas as mudanças sociais ocorridas nas percepções dos lugares femininos a partir do momento em que as mulheres saem do espaço privado para o público em busca de seus direitos sociais como o direito ao voto, direitos trabalhistas e jornadas de trabalho, equidade e direito ao corpo que influi na maneira de como elas passaram a perceber a si mesmas e se relacionar com seus corpos. Ressaltamos que o surgimento do movimento social feminista e suas ondas possibilitaram às mulheres se libertarem das “amarras” que viviam no passado e permitiram um novo momento de descobertas de si e do seu corpo delineando uma nova forma de viver a vida.

Após todas essas considerações foi ainda apresentado, nesse tópico, o surgimento da nomenclatura gênero e quais implicações resultaram nos estudos sobre as mulheres, bem como a ideia do envelhecer, envelhecimento e fases da vida, de como as mulheres ao conquistarem sua emancipação foram percebendo cada fase de mutações dos seus corpos, do jovem ao corpo envelhecido e quais seus impactos e implicações.

O capítulo está organizado em torno das discussões concernentes aos territórios femininos e à cultura do envelhecimento. Apresentamos a noção de territórios fundamentada em Haesbaert (2011) e como as mulheres se redefinem, assim como a construção cultural sobre o envelhecimento baseada em Chartier (1990) e as formas de experimentar as variadas velhices com base nos escritos de Calvacanti (2013), entre outros autores que foram fundamentais para a construção desse diálogo.

2.1 As concepções do envelhecer e o envelhecimento

Refletir sobre gênero através do olhar feminino é antes de tudo compreender como se deu a construção dos discursos ao longo da história, sobretudo na sociedade brasileira ao se pensar o lugar das mulheres em nossa cultura, que construiu a ideia de separação, subjugação e inferioridade. Antes, o papel de ser filha, esposa e mãe obediente aos avôs, pais e maridos era

exclusivamente concentrado na figura da mulher, seguindo a lógica de uma sociedade patriarcal na qual as relações de poder eram mantidas nas mãos dos homens.

Dito isto, partindo de uma análise histórica sobre as relações de poder que emergem do domínio masculino sobre o feminino podemos partir da lógica da construção da sociedade brasileira, sobretudo no período colonial, imperial e republicano.

Os laços familiares no Brasil colonial foram construídos com base na submissão da mulher ao pai. Este escolhia, por meio de arranjos familiares, o seu marido, oprimindo a noção de escolha da mulher sobre com quem deveria seguir seu matrimônio. Após o casamento, o domínio se concentrava nas mãos do marido que se relacionava com a esposa apenas para a procriação; desejos avulsos eram direcionados às relações extras conjugais.

A sexualidade da mulher era extremamente reprimida, sendo esta proibida de conhecer seu corpo, seus desejos e suas fontes de prazer, tidas como coisas pecaminosas. A ela o casamento era indissolúvel devendo servir ao seu marido, seus filhos e serviços domésticos. Conforme elucida Pinsky e Pedro:

Sob a égide do patriarcado, o amor conjugal, por exemplo, não era considerado uma meta, nem mesmo um ideal. O sexo (tolerado) no matrimônio tinha o fim precípua da procriação, sendo o desejo e o prazer vetados às esposas. Aos maridos, tais limites não eram aplicados, vigorando uma dupla moral que possibilitava que eles exercessem sua sexualidade como bem entendessem, inclusive, buscando satisfação fora do leito matrimonial (PINSKY; PEDRO, 2013. p.09).

Diante do que foi exposto pelas autoras, a função da mulher na sociedade era servir ao seu marido, seu corpo era “propriedade” dos seus maridos, sendo subjugadas aos seus desejos e vontades.

Além disso, nos discursos médicos e nos discursos jurídicos temos a figura da mulher como frágil, emotiva e dócil, tendo como responsabilidade moral e ética utilizar seu corpo em função da procriação e por este motivo o seu intelecto era afetado. Esses mesmos discursos perpassaram pela política, tendo em vista que as mulheres não poderiam exercer cargos públicos por não considerarem as condições cognitivas das mulheres iguais às dos homens, por isso elas deveriam se manter em casa cuidando dos filhos e realizar suas funções domésticas.

Na virada do século XIX e início do século XX, eclodiram, em diferentes países da Europa e EUA (Estados Unidos da América), sobretudo pós Revolução Francesa, movimentos organizados pelas mulheres que reivindicavam direito de votar, de ser votada e de exercer cargos de lideranças; direito de estudar, trabalhar e de entrar nas universidades. É importante salientar que muitas dessas mulheres eram instruídas, estudavam dentro de suas possibilidades, eram mulheres brancas, de camadas médias da sociedade, muitas eram professoras que

ministravam aulas particulares, mas os recursos que tinham eram administrados pelos seus maridos, ou seja, as mulheres queriam ser sujeitos de direitos da maneira que os homens eram, queriam participar da vida política, dando como justificativa que para serem boas mães e esposas, deveriam antes de tudo definir sua vida profissional.

Esse primeiro momento, os historiadores definem como “Primeira onda do feminismo” tendo em vista que as reivindicações, ao longo do tempo, foram se transformando a partir das demandas da sociedade. As mulheres foram adquirindo o direito de votar ao longo dos anos, no Brasil em 1932. Desse modo, foi possível repensarem seus lugares a partir da análise de sua própria realidade.

Nos anos 60 e 70 do século XX, surge a segunda onda do feminismo, agora as mulheres reivindicavam o direito ao prazer. Com o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, as mulheres viram uma possibilidade de controlar seu aparelho reprodutor, chamando a atenção para os aspectos de sua sexualidade, conhecer as formas de prazer do seu corpo e suas sensações nas relações sexuais.

Desde o início da década de 1960, estava disponível no mercado um método mais seguro de contracepção, a "pílula". A existência desse método anticoncepcional ajudou a consolidar na mentalidade das pessoas a separação entre procriação e sexualidade, com o aval das ciências médicas. Com a existência da pílula o prazer das mulheres nas relações sexuais tornou-se uma questão ainda mais importante. O medicamento que libertava as mulheres da gravidez indesejada levou-as a se preocupar cada vez mais com que seu desejo fosse levado em consideração na relação sexual. Difundiu-se a ideia de que o prazer não devia, como no passado, ser apenas prerrogativa dos homens [...] Além disso, a pílula permitiu às mulheres planejarem com mais segurança se, quando e quantos filhos queriam ter, levando em consideração estilo de vida, carreira profissional e questões financeiras. Puderam, então, cogitar outros futuros (PEDRO, 2012, p.244).

Conforme apresentado por Joana Pedro, a ligação da mulher com o prazer era proibida. A sua função em relação ao sexo era apenas a de satisfazer a vontade de seus maridos e utilizar seu aparelho reprodutor. No entanto, quando a pílula anticoncepcional ficou disponível para comercialização a mulher poderia escolher ou realizar um planejamento se queria ou não ter filhos e controlar a quantidade de filhos caso quisesse gerar, levando a dissociação de reprodução e sexualidade.

Essas discussões em torno da sexualidade e do corpo das mulheres possibilitaram diversos debates à sociedade, levantando pautas relacionadas ao aborto que até os dias atuais são discutidas. E o que é interessante é que até na atualidade ainda se apresenta um grande tabu no que se refere ao corpo da mulher. Se perguntarmos para mulheres de 50 anos acima sobre questões voltadas para a sua sexualidade muitas se sentem constrangidas em conversar sobre o

assunto, isso acontece pela ausência de um debate explícito em relação a estas questões, tornando muitas vezes difícil de discutir assuntos ligados ao corpo e tudo que foi construído ao se pensar o lugar das mulheres nas relações sexuais.

A partir dos anos 80 do século XX e início do século XXI ocorre a consolidação dos estudos sobre as mulheres através dos núcleos de pesquisas no âmbito acadêmico, introduzindo novos debates e abordagens, se configurando como a terceira onda.

É nesse período, entre a segunda e terceira onda, que surgiram os estudos e debates em relação ao conceito de gênero, pautados nos escritos de Joan Scott (1995) podemos vislumbrar as motivações que levaram a surgir esse termo. De acordo com a historiadora, o movimento feminista se apropriou dessa nomenclatura com a tentativa de dissociar o sexo biológico dos papéis sociais entre homens e mulheres.

As feministas acreditavam que os papéis sociais foram construídos culturalmente e que os lugares do feminino e masculino na sociedade foram definidos ao longo do tempo. Assim como fizeram as feministas, as historiadoras também se apropriaram do termo gênero na tentativa de substituir a história das mulheres pela história de gênero, tendo em vista que na academia ainda existia muita resistência referente ao movimento feminista. Então, elas buscaram essa desvinculação para que o estudo sobre as mulheres ganhassem mais ênfase nesses lugares.

Há historiadores que acreditam que estamos vivenciando a quarta onda feminista e que esta teve início a partir da *Primavera das mulheres* em 2015¹, na qual retornam os debates voltados ao aborto, organizações de movimentos que iniciam no meio virtual e eclodem nos espaços públicos.

Desse modo, as ideias difundidas pelo o movimento feminista possibilitaram que as mulheres tivessem consciência de sua realidade emancipando-as, trazendo discussões relevantes e motivando-as a lutar por melhores condições de trabalho, a lutar por seus direitos sociais, políticos e econômicos, além de enfatizar que as características biológicas dos sujeitos não são determinantes aos papéis sociais atribuídos a eles: tanto os homens quanto as mulheres são capazes de exercer funções de lideranças e de reger sua própria vida.

Dentre as principais conquistas podemos evidenciar o direito ao voto no Brasil em 1932, a Criação do Estatuto da mulher casada em 1962 e a Lei do Divórcio em 1979. A partir da

¹ A chamada Primavera das mulheres compreende uma série de protestos realizados por mulheres brasileiras, ocorridos a partir da segunda década do século XXI, notadamente a partir do ano de 2015. Tais reivindicações se assentam, em suas diversas manifestações, na objeção quanto a distúrbios sociais decorrentes de uma cultura persistentemente patriarcal (PAULA, 2017, p.09).

Constituição de 1988 as mulheres passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos e deveres. No entanto, é relevante destacar que as feministas vêm constantemente lutando para manutenção desses direitos, pois sempre que possível os grupos conservadores tentam desqualificar o movimento das mulheres mediante jornais, capas de revistas, artigos com uso de imagens e conteúdos grotescos definindo as mulheres feministas como masculinizadas, feias e insignificantes, por isso ainda existe muita resistência.

Outrossim, assim como termo gênero ganha visibilidade no século XX é interessante pensar gênero de forma interseccional, que vem crescendo cotidianamente nos diálogos e pesquisas acadêmicas. Esse termo "interseccionalidade" foi utilizado pela primeira vez pela Kimberlé Williams Crenshaw que referenciou, na década de 1980, a luta feminina das mulheres negras das camadas populares dos Estados Unidos. Na atualidade esse conceito é utilizado pelas minorias e por pesquisadores das ciências sociais e humanas para discutir as questões de gênero e outras categorias. Com base nos estudos de Collins sobre a interseccionalidade temos como definição do conceito:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2020, p.16).

Assim, a interseccionalidade busca realizar uma investigação sobre as relações de poder, opressão das categorias que emergem os grupos sociais e explicar a complexidades das experiências individuais e coletivas dos sujeitos.

Identificando as discussões em torno de interseccionalidade através da categoria das identidades etárias, sobretudo das mulheres que estão no processo de envelhecimento e as que já vivenciam esse processo, destacamos as diferenciações de tratamento ao longo da história entre homens e mulheres. Em seus estudos Salgado (2002) realizou uma análise sobre o preconceito nessa fase da vida:

O preconceito de idade enfrentado pelas mulheres ao envelhecer está composto pelo sexismo e pela dupla mensagem que considera velha a mulher com idade inferior à do homem. Essa dupla mensagem da velhice leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “durões, rudes e viris”, as mulheres estão “enrugadas”. Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atrativos” mostram uma mulher em “decadência” (SALGADO, 2002, p. 11-12).

Conforme nos apresentou Salgado (2002), as mulheres, ao vivenciarem o envelhecimento em suas trajetórias de experiência de vida, carregam diversos estereótipos em decorrência das mudanças que ocorrem nos seus corpos. Pelos olhares da sociedade esses aspectos se relacionam como degradantes e não atraentes: os cabelos brancos que aparecem com o passar dos anos são sinônimos de decadência.

Todavia, é relevante evidenciar que as primeiras discussões do corpo envelhecido como sinônimo de degradação ocorreram quando a sociedade vivenciava as mudanças políticas, sociais e econômicas do período pré-industrial que resultaram na criação do campo disciplinar da Geriatria e mais tarde da Gerontologia, que analisava o corpo envelhecido e seus aspectos. De acordo com Silva (2008) as características biológicas da velhice, formuladas por Ignatz Nascher eram a de degeneração do corpo e deterioração. Assim, percebemos que:

A partir do surgimento da medicina moderna, tende-se a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. A morte passou a ser vista, então, como resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos insuperáveis; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera (SILVA, 2008, p.158).

Desta forma, os significados atribuídos ao envelhecimento apontados por Silva (2008), baseavam-se no estado de solidão e inquietude. A fase em que começa a degeneração do corpo. Por isso ao analisar o estágio da velhice como estado de decadência, no qual os idosos não seriam capazes de produzir no mercado de trabalho, foram institucionalizadas as aposentadorias como garantia de direitos a essa categoria, que simultaneamente construía a ideia de invalidez.

No entanto, esses discursos modernos no campo medicinar, sobretudo, na Geriatria, foram mudando de configuração com a chegada da Gerontologia, que buscava superar a decadência do corpo incentivando a população idosa a aderir a um estilo de vida saudável e feliz, como evidencia Barroso:

Nesse contexto, um novo discurso se coloca para o idoso: envelhecer passa a ser considerado sob outras lógicas que não aquela preconizada por muitos anos, que se pautava por uma espécie de imobilidade e ineficiência daquele que envelhece. Consumir um estilo de vida saudável e se movimentar incessantemente impõem uma outra experiência de ser idoso, pois mediante discursos especializados no assunto, envelhecer bem passa a significar a opção do idoso: consumir ou não esse discurso. Diante dessa imposição discursiva, o que se coloca é o não encorajamento e o não reconhecimento da experiência singular de cada indivíduo, de maneira que se estabelece uma espécie de padrão prévio de condutas esperadas como forma de se envelhecer corretamente (BARROSO, 2021, p.11)

Desse modo, percebemos que no pensamento moderno o envelhecer era sinônimo de ineficiência e decadência. Agora, com o pensamento contemporâneo, os discursos mudam de

sentido e incentivam a "consumir um estilo de vida saudável" em que os idosos precisam se movimentar incessantemente.

Todavia, esses discursos, quando são legitimados, provocam uma espécie de "obrigação" e quando são veiculados pela mídia como uma meta de vida que é necessário seguir e consumir para se adequar a esse padrão pré-estabelecido para a velhice, não levam em consideração as experiências individuais e coletivas de cada sujeito e só reforçam estereótipos, como evidencia Debert (1997):

No entanto, ao louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal sugeridas pelos gerontólogos e amplamente veiculadas pela mídia, assistimos à emergência de novos estereótipos. Se um indivíduo não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, atinge a velhice no isolamento e na doença, a culpa é exclusivamente dele (DEBERT, 1997, p.09).

Assim, vale afirmar que os sujeitos podem aderir a diferentes estilos de vida ao vivenciar o envelhecer, mas por escolha e não por imposição. Por este motivo, procuramos discutir como essas representações associadas ao envelhecimento se articulam com as narrativas de mulheres idosas, tendo em vista que as concepções sobre esse estágio da vida podem se dar de maneiras diferenciadas, pois precisamos considerar que não existe uma única forma de envelhecer: são várias velhices, são formas distintas de experienciar esse processo, assim como a questão da sexualidade, como evidencia Peixoto (1997), ao realizar uma entrevista com mulheres idosas ela percebeu que

[...] à mulher envelhecida são proibidas a sedução e a sexualidade. A mulher velha não é mais mulher, pois seu corpo não é mais objeto de desejo, está fora do circuito da sedução e da reprodução que, para as mulheres das gerações mais velhas, estabelece o estatuto fundamental da mulher. (PEIXOTO, 1997, p.09-10)

Nessa afirmativa de Peixoto (1997) vemos que a sociedade construiu modelos e regras do que é ser mulher louvando o corpo jovem como ápice da sedução, sexualidade e reprodução. Por esse louvor à juventude, as mulheres que apresentam o corpo envelhecido se sentem inseguras e se consideram incapazes de expressar sua sexualidade por não apresentarem o mesmo corpo que tinham na juventude. Uma vez que ele passa por mutações ao longo do tempo, muitas mulheres acreditam que deixaram de ser mulheres por não se adequarem ao "padrão" que a sociedade estabelece como bonito e atraente.

Por não apresentarem a manutenção dos corpos que tinham na juventude, característica que a sociedade construiu como padrão de beleza através do louvor a ela, muitas mulheres que

estão se aproximando ou vivenciam a própria velhice se submetem a procedimentos estéticos utilizando Botox e plásticas corporais em busca de conseguir alcançar o corpo ideal, que é o magro, definido, rosto sem rugas, preenchimento labial e harmonização facial.

No mundo digital que vivenciamos, no qual as informações se expandem de forma rápida e instantânea, percebemos um aumento de profissionais que estão cotidianamente se especializando na parte estética, justamente pelo crescimento do mercado consumidor desses produtos e procedimentos.

Para discutir como esse processo do envelhecer se articula à vida especificamente das mulheres, podemos também partir da perspectiva de análise do processo de feminização que a sociedade enfrenta. De acordo com pesquisas ligadas ao espaço demográfico populacional, ao longo dos anos ocorrerá um aumento da população idosa que terá como predominância as mulheres:

Os estudos demográficos sobre envelhecimento indicam que, entre 1958 e 2025, o total da população mundial de mais de 60 anos deverá sextuplicar e a de 80 anos e mais será dez vezes maior. Esses números apontam ainda para as importantes disparidades entre os sexos: as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Assim mais avançam na idade, mas elas são numerosas, e o envelhecimento pode ser visto como um fenômeno particularmente feminino (PEIXOTO, 1997, p.01).

Portanto, o processo de feminização do envelhecimento se origina na sociedade quando acontece um aumento, ao longo dos anos, das mulheres idosas em detrimento a outros gêneros. Dentre as motivações que desencadeiam esse processo podemos referenciar o autocuidado que as mulheres têm com a saúde (como a ida constante aos médicos para realização de exames) e a diminuição da quantidade de filhos (se compararmos aos séculos anteriores uma mulher tinha em média 12 filhos podendo ser ainda maior essa quantidade).

No que concerne ao gênero masculino, a diminuição de idosos de acordo com os estudos demográficos acontece em decorrência da negligência com a saúde, número elevado de acidentes em virtude do alcoolismo e do tabagismo resultando na morte precoce dos homens.

2.2 Territórios femininos e a cultura do envelhecimento

A definição conceitual de território se baseia nas relações de poder, “mas não apenas ao tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2004, p.01). Ao definir as formas de distinguir dominação e apropriação do território o autor cita Lefebvre pontuando que a apropriação é o “processo muito mais simbólico, carregado de

marcas do vivido, do valor do uso e a dominação mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca” (HAESBAERT 2005, p.6774-6775).

Apropriando-nos desse conceito para pensar os territórios simbólicos das mulheres e suas concepções sobre o envelhecimento é necessário primeiramente compreender como determinadas culturas elaboram as vivências dos idosos na sociedade em determinadas épocas, em conseguinte compreender as diferenças de percepções das mulheres no que concerne ao processo de envelhecimento.

Historicamente nas sociedades humanas, quando as pessoas vivenciavam a velhice, em determinadas culturas eram valorizadas e em outras não. Carolino (2011) revelou que em determinadas civilizações antigas, sobretudo na Grécia, a velhice era considerada uma doença e os idosos eram relegados e levados a um lugar conhecido como (templo) que eram dedicados especificamente para os velhos ao chegarem nessa fase da vida. Os gregos enalteciam o corpo jovem, beleza e a perfeição.

Ainda para a autora, entre os egípcios se preservavam as tumbas dos idosos e evidenciavam a importância de os filhos cuidarem de seus entes idosos. Assim, percebemos que enquanto na cultura grega os idosos eram segregados, a visão de decadência prevalecia sobre essa cultura ao corpo velho e suas implicações, os egípcios, por sua vez, carregavam a ideia de proteção, de dependência dos idosos com os mais novos.

Assim como estas duas sociedades se apresentam de maneira distinta quanto ao tratamento com os idosos, as sociedades romanas, as orientais e a Idade Média também demonstram diferenças. Na cultura romana, por exemplo, os idosos compunham um grupo que tinha privilégios: eles ocupavam locais de destaques e gozavam de direitos; nas culturas orientais, eram respeitados, tidos como seres formados por sabedoria e experiência e, por último na Idade Média, existia uma espécie de exclusão dos idosos da vida pública, viam a velhice de forma negativa separando os idosos para locais afastados do convívio social, destinando-os a retiros.

Nesse contexto de exclusão, Carolino (2011, p.28) ainda pontuou que “nessa época, as mulheres idosas eram perseguidas e executadas por serem consideradas bruxas. Os idosos pobres eram ignorados e desprezados, e os ricos considerados sábios, velhos sedentos de poder ou apenas ultrapassados”.

Desse modo, se fizermos uma análise do contexto dessas culturas, o que leva os gregos a renegarem o corpo velho seria a valorização da juventude e o que foi construído culturalmente sobre o que é bonito, perfeito e belo. Eles não levavam em consideração as experiências dos sujeitos ao longo do tempo ao alcançar a velhice como nas sociedades orientais.

Para compreender essas transformações fisiológicas do corpo podemos utilizar como ponte de análise as suas mutações: a biologia explica que quando o corpo humano vivencia o processo de envelhecimento as células do corpo passam por desgastes, sofrendo modificações em seu funcionamento, acarretando consequências como a diminuição de músculos e gorduras corporais, a pele começa a apresentar traços enrugados, a efervescência da juventude vai repousando gradativamente, com velocidade diferente, dependendo de cada pessoa, o cérebro e o sistema nervoso sofrem alterações, a visão vai se tornando turva, as noções de gravidade dos objetos e coisas se apresentam com maiores dificuldades e o surgimento de doenças é bastante recorrente.

Até meados do século XX a sociedade brasileira valorizava os ensinamentos e a sabedoria dos mais velhos, através da escuta de seus conselhos e reproduzia seus costumes seja na culinária ou na experiência da vida. Existia um valor e uma grandeza simbólica atribuído ao idoso.

Com passar dos anos, as discussões relacionadas ao lugar do idoso na sociedade passaram a ser vistas de forma negativa, através da improdutividade, decadência, e dependência e através de diversos discursos introduzidos no âmbito da medicina. Com o crescimento do mercado consumidor capitalista, os idosos foram instruídos a aderirem um estilo de vida saudável: quem não se adequasse a esse modo de levar a vida era considerado decadente, como expõe Keila Ramos:

A minha amiga viajou muito, participando de todas as atividades do grupo com muita empolgação e dedicação. De repente, apareceu um problema de saúde que comprometeu o movimento de uma de suas mãos. Foi ao médico e foi diagnosticada uma doença degenerativa. O processo de decadência foi crescente, mesmo com os melhores tratamentos. Infelizmente, Hortência perdeu toda aquela sociabilidade conquistada pós- viuvez. O que me deixou impressionada é que nunca, nenhum dos integrantes ou coordenadores do grupo da terceira idade ligou para ela ou foi visitá-la. Eu ainda liguei para eles, mas foi silêncio absoluto. Ela já não era mais uma *idosa feliz*, ela já não fazia mais parte da tribo da melhor idade. Hortência agora pertencia ao mundo dos decadentes, seu corpo não era mais um *corpo idoso jovem*, era um *corpo velho*. E é do contato com esse *corpo velho* que os idosos que vivem saboreando a velhice gostosura fogem compulsivamente, começando pela luta com o seu próprio *corpo velho* e com a possibilidade (RAMOS, 2008, p.38-39).

Podemos elaborar pontes entre a cultura do envelhecimento e as questões que permeiam as discussões em torno das práticas e representações no contexto da História Cultural. Tomamos por evidência, as noções de práticas e representações de Chartier (1990), tendo em vista que as práticas cotidianas referentes ao tratamento dos idosos na cultura foram baseadas no isolamento e exclusão, com o passar do tempo.

Os conhecimentos transmitidos pelas pessoas idosas, que eram percebidas como sábias, na contemporaneidade são vistos como atrasados em decorrência do avanço científico. O que antes eram “pessoas que detinham todo o conhecimento”, agora são pessoas “atrasadas no tempo”. Segundo José de Assunção Barros (2005), ao analisar as contribuições de Roger Chartier para a História Cultural, pautados nas práticas e representações culturais:

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (BARROS, 2005, p.135).

Desse modo, percebemos que as mudanças e práticas culturais podem variar de cultura para cultura. As representações do envelhecer podem também diferenciar nos territórios femininos: tem mulheres que podem identificar o processo de envelhecimento como algo natural do corpo humano, a eferescência da juventude é reverberada ao chegar na velhice, a alegria que não vivenciara no corpo jovem, na velhice é uma possibilidade. Já existem outras mulheres que podem viver um envelhecimento sem pretensões de vida, evidenciando a pior fase da vida, pois se tornam mais dependentes da família: na vida adulta realizavam as atividades sozinhas e agora precisam de companhia.

Vale enfatizar também as contribuições de Beauvoir (1970) com a obra *A Velhice*, quando a mesma evidenciou que não podemos estudar a velhice somente como uma condição biológica: as culturas e os costumes são vivenciados de forma diferenciada.

Desse modo, as imagens construídas sobre as mulheres envelhecidas são variadas ao longo do tempo. O crescimento da industrialização possibilitou o desenvolvimento de comercialização de cosméticos, cremes e cirurgias que prometem esconder ou até eliminar as marcas do envelhecimento. As mulheres jovens e idosas ligadas à era digital já se vêem como sujeitos consumidores desses discursos. No capítulo seguinte compreenderemos como essas narrativas se articulam na sociedade contemporânea brasileira através de meios de comunicação como *Instagram*, *LinkedIn*, e propagandas do século XX.

3 REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO NAS REDES SOCIAIS

Esta sessão está organizada em dois momentos: no primeiro discutimos sobre o corpo enrugado e o processo de aceitação das marcas do corpo experienciados pelas mulheres. No segundo momento, abordamos sobre o etarismo como forma de disseminação de preconceitos, na sequência apontamos as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, bem como a valorização eterna da juventude e a negação dos aspectos naturais do corpo.

3.1 O corpo enrugado e o processo de aceitação

Os corpos enrugados são pessoas idosas que passaram pela etapa da infância, da juventude e agora vivenciam uma nova fase: a etapa do envelhecimento. As marcas desses processos são sentidas pelas mudanças ocorridas no corpo e pelas experiências vivenciadas pelos sujeitos ao longo do tempo.

Keila Ramos (2008) ao referir-se às identidades etárias e experiências de vida, utiliza em sua pesquisa o termo *os corpos enrugados*; não os corpos biologicamente tratando, mas os corpos como valor simbólico. É sobre essas marcas do envelhecimento, sobre as mudanças que ocorrem nos corpos enrugados, apropriando-se do termo utilizado por Ramos, que iremos tratar nesse tópico.

Atualmente, a sociedade é marcada pela cultura visual. As pessoas se atraem por aquilo que os seus olhos conseguem visualizar, que são os aspectos físicos do corpo. Isso foi construído através das influências dos discursos gerontólogos e geriátricos que foram disseminados ao longo do tempo ou até mesmo pela valorização da juventude: da ideia de um jovem ativo e eficiente advindas da industrialização que introduziu novas perspectivas de trabalho, como também a construção do que viria ser belo e atraente.

Nesse contexto, as mulheres sempre foram colocadas como inferiores até nos aspectos da beleza física. Diante disso, o envelhecimento, ao longo da história foi tratado como algo decadente, de um estágio de degeneração do corpo. A imagem da mulher, seja ela artista, figura pública ou não, que apresenta o corpo enrugado (biologicamente tratando) não é aceita socialmente, nos espaços midiáticos, a mulher envelhecida é vista de forma depreciativa, essa depreciação das características físicas é mais notabilizada em mulheres do que em homens.

Diante disso, numa sociedade na qual as ferramentas midiáticas estão sempre em evolução e o alcance do público a essas ferramentas tem se mostrado com muita visibilidade, as imagens de artistas que aparecem sem maquiagem ou já idosas muitas vezes são alvos de

críticas, não se pondo em relevo as mudanças no contexto da trajetória de vida e o envelhecimento como valor humano.

Então, diante de tudo que expusemos, percebemos que o envelhecimento já foi tratado como um valor humano no qual as pessoas, quando chegavam nessa etapa da vida, eram tratadas como seres experientes, com uma bagagem que transcorria de gerações para gerações, sujeitos que tinham um valor simbólico e que precisavam ser respeitados e privilegiados, podendo variar de cultura para cultura. Mas no âmbito contemporâneo isso tem se modificado no sentido da valorização das visualidades.

Sendo assim, apresentamos um painel iconográfico retirado da rede social conhecida como *Instagram* que evidencia um relato da atriz Bety Gofman, que possui 57 anos, no qual a mesma mostra a realidade de uma mulher em processo de envelhecimento com o aparecimento das rugas, a flacidez da pele e o surgimento dos cabelos brancos:

Figura 1 - Bety Gofman (Envelhecer)



Fonte: Reprodução/instagram (2022) ²

Bety Gofman, na Figura 1, relata que essa imagem na qual ela publicou na rede social está “sem filtro, sem botox [...] mesmo mais velha, com rugas, a pele mais flácida, cabelos

² Montagem realizada pela @Revistatpm a partir das imagens postada pela atriz Bety Gofman na rede social *Instagram*: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdGoUCYJBzE/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 08/08/2022

brancos” “Difícil envelhecer? Muito. Dolorido? Muito. Mas gosto de me olhar no espelho e me reconhecer nele”. Gofman, através desse relato faz algumas indagações pertinentes como, o porquê para ela seria difícil o ato envelhecer?

Ramos (2008) ressalta sobre o despreparo de profissionais que cuidam dos idosos para assumirem tal cargo e nas linhas mais adiante na sua pesquisa, pontua que existe um desprezo pelos corpos velhos por representarem um estágio da vida que é necessário de um cuidado, uma atenção e uma afetividade, e isso pode fortalecer o motivo pelo qual Gofman apresentou em seu relato a dificuldade e a dor do envelhecer.

Ao mesmo tempo em que ela expressa as características de um corpo envelhecido, ela realça uma crítica às modificações realizadas na atualidade no corpo proveniente dos procedimentos estéticos. Nesse sentido, apesar de ressaltar o quão é difícil o envelhecer, Bety Gofman, enquanto mulher, vivencia o processo de envelhecimento, se reconhece e se identifica nesse processo. Diante disso, é viável demonstrar que o envelhecimento é um estágio como qualquer outro, que um dia todos os seres vivos poderão percorrer: é uma etapa que evidencia as experiências humanas em grupo e individuais, momento nos quais o conhecimento adquirido perpassa por várias gerações, por isso a relevância de compreender o envelhecimento como um processo de vivências humanas, não apenas como um processo biológico.

3.2 O Etarismo como forma de disseminação de preconceitos

O *Etarismo* é um termo recente no Brasil e é utilizado para fazer referência à discriminação por idade, sendo utilizado, segundo Minichiello, V., Browne, J., & Kendig, H. (2000) por Robert Bluter em 1969. Salgado (2002), sobre o preconceito de idade, afirmou que as mulheres na vida prática lidam diariamente, sobretudo, nas relações afetivas, com o preconceito, sendo perceptível quando uma mulher de idade mais avançada se relaciona com um homem mais novo, como é o caso da apresentadora Fátima Bernardes e do Deputado Estadual Túlio Gadêlha apresentado na figura 2.

A figura 2 representa uma imagem de Fátima Bernardes e Túlio Gadêlha compartilhada pela apresentadora na rede social, e uma usuária deixou sua impressão através de um comentário na publicação da artista. Comentário de cunho preconceituoso, ao se referir a Gadêlha como um menino de 32 anos e Fátima, de 59 anos, como uma mulher madura e que por viverem em gerações diferenciadas as relações entre ambos refletiam na maneira de enxergar a vida. Diante do que foi exposto pela usuária, Fátima ressalta como resposta o amor como forma de superar essas diferenças.

Figura 2 - Fátima Bernardes e Túlio Gadêlha em publicação compartilhada na rede social



Fonte: Reprodução/Instagram (2021)³

Diante disso, a sociedade constrói e estabelece como “estranho” “feio” e “não atraente” relacionamentos de mulheres mais velhas com homens mais novos. Contudo, não se tem tanta visibilidade quando homens mais velhos se relacionam com mulheres mais novas. A cultura ainda normaliza essas relações, pois, desde a construção da sociedade brasileira, as mulheres foram ensinadas a se prepararem para o casamento quando iniciam a puberdade. Apesar de já conseguirmos visualizar algumas mudanças no que se refere a essa perspectiva, esses resquícios ainda são sentidos na atualidade.

Além do preconceito da idade com as relações afetivas entre mulheres mais velhas com homens mais novos, temos outra questão que podemos analisar no contexto do etarismo na sociedade brasileira, que é o ingresso no mercado de trabalho. A valorização da juventude feminina possibilita construir uma ideia de envelhecimento precoce, no qual as mulheres com idade a partir de 35 anos já são consideradas velhas para assumir cargos nas empresas, indústrias e afins.

De acordo com relatos obtidos através de uma análise da rede social *LinkedIn*, conseguimos encontrar comentários de mulheres que vivenciaram o preconceito quando se candidataram a determinada vaga de emprego, como está exemplificado na figura 3.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMs4Z6GBPzo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 08/08/2022.

Figura 3 - Relatos do etarismo no mercado de trabalho



Fonte: Reprodução/LinkedIn (2021)⁴

Dentre os relatos destacamos o da usuária Daniele Fernandes que diz “Tenho 39 anos e escutei uma vez que estava velha para a função que estava me candidatando e que o recrutador queria pessoas mais novas”. Esse relato reforça a ideia de uma sociedade capitalista na qual quem tem um maior valor é aquele que produz, e o fato do idoso, ao longo da história, ter sido associado a um ser improdutivo, alimentou uma separação/exclusão do mercado de trabalho. Então é necessária uma desmistificação de ideias que relacionem os idosos a seres improdutivos e inativos, até porque, de acordo com o pesquisador populacional Jorge Felix (2016) não existe uma única forma de vivenciar a velhice: as velhices são heterogêneas. Não é porque por um idoso apresentar características debilitadas ao adentrar no segmento da velhice que todos serão assim, não podemos generalizar.

Assim como o relato de Daniele Fernandes outra usuária, chamada de Carla Milazzo destaca que “a partir dos 40 anos sinto na pele o preconceito com mulheres. Para os homens é um pouco mais tarde, a partir dos 50 anos. É uma pena, pois é desperdiçada uma experiência interessante. Isso precisa mudar”. Essa fala da usuária Carla Milazzo permite exemplificar o que já havíamos retratado no trabalho, sobre a valorização das experiências de vida dos idosos, que em decorrência do avanço tecnológico e da ciência, essas pessoas são estigmatizadas como

⁴ <https://www.linkedin.com/pulse/j%C3%A1-tem-36-anos-passou-dos-50-voc%C3%AA-n%C3%A3o-idade-para-aqui-marcia-monteiro/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 08/08/2022.

sendo sujeitos atrasados no tempo, como se o conhecimento, ao decorrer da vida, fosse insuficiente para arcar com as mudanças ocorridas no mercado de trabalho. Não se busca um aperfeiçoamento ou a qualificação do idoso, eles são simplesmente descartados e substituídos.

Além desses relatos, a Figura 3 ainda evidencia um comentário da usuária Synthia Miranda, que ressalta: “Para os homens não há muito preconceito, mas para mulheres os 40 já são vistos como velhas. Infelizmente as empresas falam em respeito a diversidade mas na prática não funciona muito”, esse relato de Synthia Miranda revela uma crítica às empresas que constantemente revelam que prezam pela diversidade no ambiente de trabalho ao contratarem seus funcionários, mas na prática não é assim que acontece, ao mesmo tempo que a ideia da usuária se torna pertinente por problematizar situações corriqueiras que acontecem nessas empresas, se torna relevante enfatizar que o preconceito de idade não é apenas enfrentado pelas mulheres: os homens ou qualquer gênero também estão sujeitos a vivenciarem esse tipo de discriminação, apesar de que com a mulheres acontece com mais frequência.

Já a Cristiane Nogueira pontua em seu comentário ainda na Figura 3, que o preconceito de idade ou etarismo apresenta-se a partir das identidades etárias: “Se for mulher, dos 36 permeando pelos 40 anos, se for homem, depois dos 50 pra mais”, com esse relato a usuária enfatiza que existe diferenças de idades: enquanto para o homem o preconceito é apresentado mais tarde, com 50 anos ou mais, para as mulheres ele é apresentado mais cedo, com 36 anos.

As motivações que levam a essas diferenças envolvem as questões em torno do machismo e sexismo como ressalta a usuária Stella Kwan que, ao pontuar sobre a felicidade em ver as discussões em torno do etarismo ganharem visibilidade, ressalta que as mulheres o vivenciam com mais veemência pela relutância das empresas em interessarem-se por contratar mulheres que são mães para a ocupação de cargos.

Todos esses relatos são também enfatizados pelo Stefan Ligocki, que é formado em marketing e que tem páginas que divulgam a questão da longevidade na rede social LinkedIn. Segundo ele “A partir dos 40 anos para os homens e 35 para as mulheres [...], São relatos que recebo todos os dias aqui no LinkedIn”, essa fala do profissional do marketing revela que são recorrentes relatos de mulheres que vivenciam o etarismo e como ele é apresentado por meio das identidades etárias.

Dessa forma, percebemos, por meio desses relatos, que existem diferenças nas formas de tratamento entre a mulher em processo de envelhecimento e o homem em processo de envelhecimento. Para a sociedade contemporânea as experiências de vida não são consideradas, e os conceitos e valores são carregados de estereótipos, machismos e supervalorização da mão de obra juvenil.

Além das discussões referentes ao preconceito de idade, outro assunto que é bastante pertinente e está diretamente ligado à ideia de envelhecimento é *a beleza*. Na atualidade, sempre que um produto é divulgado para a comercialização, são utilizadas imagens comparativas do que se pretende chegar e do que não se pretende, como evidencia a figura 4:

Figura 4 - Publicação comparativa entre mulheres de 60 na venda de produtos



Fonte: Reprodução/Instagram (2021) ⁵

A imagem que compõe a figura 4 tem em sua composição duas mulheres idosas na mesma idade. A primeira apresentando aspectos do corpo enrugado e a segunda apresentando características de uma pele já submetida a algum procedimento estético seja ele *Botox* ou até mesmo cirurgias plásticas. Na legenda, há uma indagação que fala “de qual forma você quer envelhecer?” a imagem pressupõe que existem duas formas de envelhecer: a primeira seria uma pessoa que aceita as marcas de um corpo enrugado e a segunda, uma mulher que prefere utilizar produtos para a manutenção de uma beleza sem marcas.


O intuito de realçar essas duas imagens tem a ver com o objetivo proposto pela usuária na sua divulgação. Com a intenção de vender seu produto, ela promete uma pele perfeita para as suas usuárias, as mulheres que consomem o conteúdo midiático vão enxergar esta comparação como uma chance perfeita de adquirir um produto capaz de esconder todas as

⁵ Montagem a partir das imagens postada pela usuária @sandyalves123. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COn_fBENyFX/?igshid=YmMyMTA2M2Y= Acesso em 08/08/2022

marcas que a idade apresenta. Nesse sentido, existe uma negação dos aspectos naturais do corpo, reforçando um discurso de decadência.

Assim como a usuária do *Instagram* utilizou estratégias para cativar a atenção do público consumidor, no século XX empresas de cosméticos buscavam atrair os olhares do público através de propagandas em cartazes colocados nos principais centros urbanos para aproximar quem por ali passava, sobretudo, as mulheres. Esse produto visava dar “adeus as rugas” como evidencia a figura 5:

Figura 5 - Anúncio Creme Rugol



ADEUS RUGAS!

5.000 dólares de prêmio se elas não desaparecerem. A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e embellezar. — É fácil obter-se a prova em vosso próprio rosto em pouco tempo.

Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

RUGOL — Creme científico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Milo, Dort Loguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

Rugol opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo. Difere completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos poros da pelle os preciosos alimentos dórnicos que entram na sua composição. Evita e previne as rugas precoces e pés de galinha, e faz desaparecer as carcas, parras, espinhas, cravos, manchas, etc. não encoadura a pelle. Não contém drogas nocivas. É absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém nascida poderá usal-o. Dá um vida nova à epiderme flácida, porosa e fatigada, emprstando-lho a apparencia real da juventude.

GARANTIA — Milo, Loguy pagará mil dólares a quem provar que ella não tirou completamente as suas próprias rugas com duas semanas de tratamento sponas. Milo, Loguy offerece mil dólares a quem provar que ela não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta. Milo, Loguy pagará ainda mil dólares a quem provar que seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta innumerables imitadores têm apparecido de todos as partes do mundo. Por isso previnimos ao publico que não aceite substitutos exigindo sempre:

RUGOL (foto)

Mme. Hary Vigier escreveu: *Mou marido, que em sua qualidade de medico é muito discreto por toda sorte de motivos, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtivo com o uso do RUGOL, e por isso também assigna o attestado que junto lhe envio.*

Mme. Souza Valence escreveu: *Eu vivia desesperada com as malditas rugas que mealejavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desappareição, não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam.*

Encontra-se nas boas pharmacies, drograrias e perfumarias. Se V.S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queiracortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionários para a America do Sul: Alvim & Freitas
Rua Wenceslau Braz nº22 sobrado-CAIXA 1376-S. Paulo

Texto Rugol:

—ADEUS RUGAS!
5.000 dólares de prêmio se ellas não desaparecerem. A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e embellezar. — É fácil obter-se a prova em vosso próprio rosto em pouco tempo.

Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

Creme científico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Milo, Dort Loguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

Rugol opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo. Difere completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos poros da pelle os preciosos alimentos dórnicos que entram na sua composição. Evita e previne as rugas precoces e pés de galinha, e faz desaparecer as carcas, parras, espinhas, cravos, manchas, etc. não encoadura a pelle. Não contém drogas nocivas. É absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém nascida poderá usal-o. Dá um vida nova à epiderme flácida, porosa e fatigada, emprstando-lho a apparencia real da juventude.

GARANTIA — Milo, Loguy pagará mil dólares a quem provar que ella não tirou completamente as suas próprias rugas com duas semanas de tratamento sponas. Milo, Loguy offerece mil dólares a quem provar que ela não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta. Milo, Loguy pagará ainda mil dólares a quem provar que seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta innumerables imitadores têm apparecido de todos as partes do mundo. Por isso previnimos ao publico que não aceite substitutos exigindo sempre:

RUGOL (foto)

Mme. Hary Vigier escreveu: *Mou marido, que em sua qualidade de medico é muito discreto por toda sorte de motivos, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtivo com o uso do RUGOL, e por isso também assigna o attestado que junto lhe envio.*

Mme. Souza Valence escreveu: *Eu vivia desesperada com as malditas rugas que mealejavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desappareição, não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam.*

Encontra-se nas boas pharmacies, drograrias e perfumarias. Se V.S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queiracortar o coupon abaixo e nos mandar, que imediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionários para a America do Sul: Alvim & Freitas
Rua Wenceslau Braz nº22 sobrado-CAIXA 1376-S. Paulo

Fonte: Revista Eu Sei Tudo – Jan. 1930⁶

O produto mencionado na figura 5 é um creme chamado *Rugol* criado pelos Senhores Alvin e Freitas. Com o intuito de cuidar da beleza feminina, eles fundaram, em 1919, o laboratório Alvin&Freitas que, a partir do ano de 1988, foi sucedido pelo laboratório *Aclimação* que está até hoje no mercado.

Na propaganda, o produto apresenta um texto que ressalta “a mulher em toda a idade pôde se rejuvenescer e embellezar. — É fácil obter-se a prova em vosso próprio rosto em pouco tempo. — Experimente hoje mesmo o RUGOL.” Esse pequeno trecho da divulgação elucida que em qualquer idade e momento a mulher pode envelhecer: é uma escolha e os resultados desse processo podem ser visíveis em pouco tempo, basta usar o produto Rugol.

⁶ REVISTA EU SEI TUDO. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. n.8, Janeiro de 1930.

Além desse trecho, o produto que está sendo comercializado promete que “Evita e previne as rugas precoces e pés de galinha, e faz desaparecer as sardas, Pannos, espinhas, cravos, manchas, não engordura a pelle [...] Dá uma vida nova a epiderme flácida, porosa e fadigada, emprestando-lhe a aparência real da juventude”.

Se repararmos o marketing do produto que está sendo divulgado, ele promete retirar todas as marcas que não apresentam as características do ser jovem definidas pela sociedade, pois as características da velhice são vistas como desagradáveis como evidencia os próprios relatos de mulheres que consumiram o produto e expuseram na Figura 5. A primeira foi Hary, que relatou o seguinte “meu marido, que em sua qualidade de médico é muito descrente por todo asorte de remédios, ficou agradavelmente surpreendido com os resultados obtidos com o uso de Rugol e por isso também assigna o attestado que junto lhe envio.” Percebe-se que a propaganda colocou esse relato de Hary com o objetivo de evidenciar a satisfação do marido da consumidora por ela ter adquirido o produto e sua impressão ao perceber os resultados.

Já no segundo relato, Souza Valence pontuou:

Eu vivia desesperada com as malditas rugas que malfeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes anunciados, comecei a fazer o tratamento pelo Rugol, obtendo a desapareição, não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam (SOUZA VALENCE apud REVISTA EU SEI DE TUDO, 1930).

Esse relato de Souza Valence revela a insatisfação pessoal com as rugas que faziam parte do seu corpo. Existe uma preocupação estética. Conforme ela apresentou, foi com o Rugol que desapareceram todas as marcas que demonstrassem qualquer evidência do processo de envelhecimento. Com isso, percebe-se que as influências dos discursos construídos sobre o envelhecimento ao longo do tempo se articulam de forma negativa no imaginário das pessoas, as noções de beleza ultrapassam os valores humanos, isto é, o espaço vivido das pessoas.

Diante disso, ainda sobre o crescimento do mercado de consumo, especialistas na área da estética cotidianamente divulgam os resultados de determinados procedimentos realizados em seus clientes nas mídias sociais. Analisando as páginas nas redes que promovem a divulgação do trabalho desses especialistas da estética orofacial, vislumbramos nas características faciais de uma das pacientes, que é uma mulher adulta:

Figura 6 - Antes e depois do procedimento estético



Fonte: Reprodução/Instagram (2022)⁷

Na Figura 6 conseguimos visualizar do lado esquerdo as características faciais sem alterações da cliente e a fotografia do lado direito com as alterações realizadas pelo profissional. Se comparadas, percebemos uma grande mudança no olhar, no nariz e na boca. Podemos dizer que a mudança realizada pela paciente foi muito significativa.

Diante disso, é possível notar que as marcas do envelhecimento são diariamente combatidas pela valorização da juventude que ainda é muito visível, existe uma necessidade de buscar cotidianamente um rosto perfeito que nega as marcas do tempo. Então, até que ponto os procedimentos realizados no corpo podem apresentar benefícios à saúde? Até que ponto os discursos influenciam o imaginário das pessoas para a realização de cirurgias que na maioria das vezes podem ser arriscadas? Por isso, a importância de discutir e desmistificar o que a sociedade define como belo, atraente e sedutor.

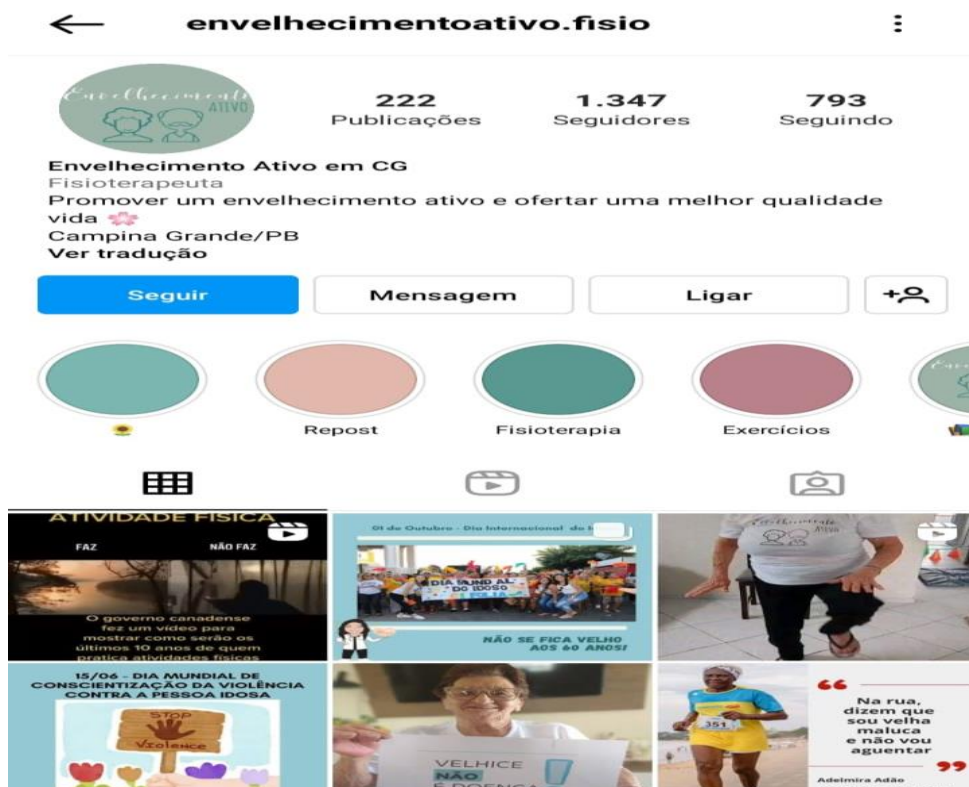
No entanto, é também válido destacar que as vivências no envelhecimento podem ser distintas: enquanto tem mulheres que procuram aceitar as marcas do corpo, tem outras que preferem realizar procedimentos no corpo para melhorar sua autoestima e bem estar. O envelhecimento também representa liberdade de escolha. O que propúnhamos discutir é o que a sociedade impõe e como ela define os lugares do feminino no período do envelhecimento.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeR1hpvsLJG/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 08/08/2022.

Com base nas pesquisas realizadas nas mídias digitais encontramos páginas que trabalham com a autoestima das mulheres, com o processo de aceitação das marcas advindas do tempo, com o envelhecimento ativo e com a desconstrução de imagens negativas atribuídas ao idoso, mostrando novas perspectivas e realçando vivências individuais e coletivas dos sujeitos na fase do envelhecimento.

Na Figura 7 destacamos uma página que compartilha a rotina e relatos de pessoas idosas que vivenciam o envelhecimento e auxilia na divulgação da rotina de exercícios na cidade de Campina Grande – PB.

Figura 7 - Páginas que trabalham com o envelhecimento



Fonte: Reprodução/Instagram (2018)⁸

Como vimos na figura 7, essa página tem o objetivo de divulgar as atividades realizadas pelos idosos, reforçando a ideia de um envelhecimento ativo, compartilhando relatos de idosos que buscam desconstruir as representações atribuídas às pessoas que vivenciam a fase do envelhecimento como um período marcado por decadências, perdas e doenças, buscando trazer

⁸ Disponível em <https://instagram.com/envelhecimentoativo.fisio?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em 10/08/2022.

a rotina de caminhadas e exercícios físicos, construindo o ideário de uma fase de prosperidade, alegria e satisfação pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de envelhecimento foi se alterando através dos tempos. As primeiras discussões voltadas para essa área do conhecimento se originaram quando a sociedade vivenciou o período pré-industrial, no qual se discutia a eficiência humana para o trabalho. A partir deste momento foram criados diversos estereótipos relacionados à fase do envelhecimento como um estágio de decadência, perdas e degeneração do corpo.

Com o advento da contemporaneidade e a ampliação dos estudos científicos o envelhecimento passou a ser entendido como uma fase da vida na qual é necessário se movimentar constantemente para não entrar em um estado de decadência e, pelo fato das mulheres apresentarem o maior contingente em relação ao gênero masculino, nos debruçamos nelas como sujeitos de pesquisa.

Desse modo, o estudo mostrou que, ao longo do tempo, as mulheres sempre foram colocadas em posição subalterna aos homens em decorrência da construção machista da sociedade brasileira, que pode ser evidenciada no mercado de trabalho, nas relações afetivas e nas suas vivências, estes espaços se tornaram relevantes para se pensar os lugares femininos na sociedade e como eles se constroem.

As imagens das mídias sociais apontaram que as questões discutidas sobre o envelhecimento feminino no que tange ao preconceito de idade, à valorização da juventude eterna e às desigualdades de tratamento entre homens e mulheres se reforçam constantemente.

Apesar de esses discursos serem reforçados pelas mídias, tem aqueles que se dispõem a alterar essa configuração que a sociedade legitima com a criação de páginas que buscam divulgar um novo olhar do envelhecimento e também as próprias mulheres que trabalham com a aceitação do corpo enrugado, relatando suas vivências, discutindo esse padrão que a sociedade estabelece como lindo, belo, atraente e sedutor.

Portanto, torna-se evidente a necessidade de reforçar a relevância do idoso na sociedade, dando visibilidade a essa população que foi esquecida e estigmatizada durante anos e que só ganhou maior notoriedade devido ao envelhecimento populacional que está se configurando na sociedade atual.

Diante disso, a partir dos estudos que possibilitaram construir essa monografia, percebo a importância de construir um olhar de sensibilidade ao tratar sobre o envelhecimento. O envelhecimento em nenhuma hipótese deve ser negligenciado. Os idosos também apresentam suas potencialidades, advindas das experiências de vida, assim como eles expressam seus sentimentos, desejos e vontades como qualquer indivíduo, e quando o idoso é uma mulher, o

impacto se torna mais intenso devido à construção social machista com a qual a sociedade brasileira foi construída.

Então, esse estudo no campo historiográfico possibilita expandir as discussões do envelhecimento feminino compreendendo a construção cultural e o mundo das representações que foram se estabelecendo na sociedade desde o período da antiguidade até a contemporaneidade, utilizando, sobretudo, a contemporaneidade como recorte principal em decorrência do aumento constante da era digital que influencia as relações humanas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D' Assunção Barros. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/ UEM, v.9, n.1, p. 125-141, 2005.
- BARROSO, E. P. **Reflexões sobre a velhice**: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. *História Oral*, 24(1), 9-27. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1128>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CAROLINO, Jacqueline Alves. **Envelhecimento e perspectivas sociológicas de inclusão pelo viés da arte**: Um estudo no centro de produção artístico-cultural da pessoa idosa no município de João Pessoa. 2011. 136f. Dissertação (Mestrado em serviço social) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Corpos tristes, velhices alegres**: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos. 2013. 283f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.
- COELHO, Thiago da Silva. **A imagem como fonte histórica**: enigmas e abordagens. *Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia*, v.25, n.2, jul./dez. 2012.
- COSTA, Solange Aparecida de Campos. **Simone de Beauvoir**: considerações sobre o envelhecimento e a finitude na obra *Mal-Entendido em Moscou*. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA*, v.21, n.2, p.1-14, junho, 2021.
- DARDENGO, Cássia Figueiredo Rossi; Mafra, Simone Calda Tavares. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo**: contradição ou adaptação? *Revista de Ciências Humanas*, vol.18, n.2, Jul./dez, 2018.
- DEBERT, Guita Brin. **Envelhecimento e curso da vida**. Dossiê: *Revista Estudos Feministas*, ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. v. 5 n. 1, (1997).
- DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.
- FIN, Thais Caroline. **Velhice feminina e beleza corporal**. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira.** Contemporânea. Ed.18. Vol.9. n2, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos territórios a multiterritorialidade.** Porto Alegre, Setembro, 2004.

JOSÉ, Maria Carolina de Andrade. **Memória de relacionamentos amorosos: história oral de mulheres idosas em São Paulo.** 2016. 172f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KERN HAREVEN, T. **Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 13, p. 11–35, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634964>. Acesso em: 21 jan. 2022.

KOLES, Suely; PISCITELLI, Adriana. **Memórias de "Histórias Femininas, Memórias e experiências".** Cadernos Pagu 1997, p.343-354.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História: As Tramas da representação fotográfica.** Projeto de História, São Paulo, v.70, p.9-35, Jan./abr, 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea.** Topoi, v.12, n.22, jan./jun. 2011, p.270-283.

PEIXOTO, Clarisse Ehlers. **Histórias mais de 60 anos.** Dossiê: Revista Estudos Feministas, ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. v. 5 n. 1 (1997).

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** 1. ed, São Paulo: Contexto, 2013.

PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** Revistas de Estudos Feministas, vol.8, nº2/2000, p.9-43.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários.** 2008. 279 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SALGADO, Carmen D. A. **Mulher idosa: a feminização da velhice.** Estudo Interdisciplinar. Envelhecimento, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise Histórica.** Educação & realidade, v.2, n.2, Jul./Dez 1995.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I - Julho de 2009.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade:** o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2008, v. 15, n. 1.

SOUZA, Angélica Silva de Sousa; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica:** princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.64-83/2021.

VEIGA, Márcia Regina Medeiros. **Gênero e envelhecimento:** O Corpo Feminino na Maturidade. *Fazendo gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 2010.